

ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES REALIZADAS NA ALTA HOSPITALAR DE IDOSOS ACOMPANHADOS EM SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E REFERENCIAMENTO FARMACOTERAPÊUTICO

Analysis of interventions at hospital discharge of elderly seen in guidance service and referencing pharmacotherapeutic

Tacita Pires de Figueiredo¹, Nelson Machado do Carmo Junior², Ronara Camila de Souza Groia³, Rachel Cristina Cardoso Pereira⁴, Rafaela Ranielle Silveira⁵, Jessica Soares Malta⁶, Josiane Moreira Costa⁷

RESUMO

Introdução: A alta hospitalar é um período de transição do cuidado e de responsabilidades em nível de rede e, também, em relação ao indivíduo e à família que retomam o cuidado.⁸ Algumas experiências em projetos na transição do cuidado abordam a reconciliação medicamentosa, a orientação do paciente e familiares e o contato por telefone.² Farmacêuticos vinculados a um programa de residência multiprofissional propuseram a realização do referenciamento farmacoterapêutico de idosos na rede, com o intuito de contribuir para a segurança da farmacoterapia durante a transição do cuidado e a realização de contato pós-alta por telefone. Este trabalho destinou-se à análise das orientações realizadas durante a alta e descritas nos encaminhamentos farmacoterapêuticos e ao perfil desses indivíduos no contato pós-alta. **Materiais e métodos:** Trata-se de estudo de coorte retrospectivo, desenvolvido em um hospital público geral de ensino de Belo Horizonte, Minas Gerais, que realiza atividades de ensino, pesquisa e assistência, sendo referência para a rede em urgência e emergência, integrado ao SUS. A amostra estudada foi a de prontuários dos pacientes acompanhados pelos farmacêuticos residentes nas equipes multiprofissionais da instituição em estudo que receberam alta de 17 de janeiro de 2014 a 3 de dezembro de 2014, que possuíam o encaminhamento farmacoterapêutico elaborado e com os quais foi realizado o contato pós-alta. Foram excluídos os pacientes que não preenchessem um dos critérios de inclusão. **Resultados:** Foram realizados encaminhamentos farmacoterapêuticos para 135 pacientes,

ABSTRACT

Introduction: Hospital care is a period of transition and network-level responsibilities and also in relation to the individual and the family which take care.⁸ Some experience in projects in the care transition approach the medication reconciliation, patient counseling and family and contact by phone.² Pharmaceutical linked to a multi-residency program proposed carrying out the pharmacotherapeutic referencing elderly on the network in order to contribute to security of pharmacotherapy during the transition from care and conducting post-discharge telephone contact. This study was aimed at analyzing the instructions given during the high and described in pharmacotherapeutic referrals and profile of these individuals in postdischarge contact. **Methods:** It is retrospective cohort study, developed in a general public hospital in Belo Horizonte teaching, Minas Gerais, which conducts teaching, research and care, with reference to the network in emergency care, integrated into the SUS. The sample was the medical records of patients followed by pharmaceutical residents in multidisciplinary teams of the institution under study who were discharged on 17 January 2014 to December 3, 2014 and possessing pharmacotherapeutic forwarding drafted and which was carried out contact High post. Patients who did not meet one of the inclusion criteria were excluded. **Results:** Pharmacotherapeutic referrals were made to 135 patients, however, the postdischarge contact was made with 63 of these. On the main orientations held high and described in pharmacotherapeutic referrals observed that the verbal

¹ Hospital Risoleta Tolentino Neves.

² Hospital Risoleta Tolentino Neves.

³ Hospital das Clínicas da UFMG.

⁴ Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte.

⁵ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁷ Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: josycostta2@yahoo.com.br.

entretanto o contato pós-alta foi realizado com 63 desses. Sobre as principais orientações realizadas na alta e descritas nos encaminhamentos farmacoterapêuticos, observamos que a orientação verbal sobre o uso dos medicamentos foi realizada com 133 (93,66 %) pacientes, a orientação para acesso com 130 (91,55%) e o alerta sobre reações adversas e registro das ocorrências ocorreu com 71 (71,13%). A maioria dos entrevistados precisava de ajuda para administrar os medicamentos: 50 (79,37%). Os principais cuidadores eram as filhas, em 22 (34,92%) pacientes, e as esposas, 12 (19,05%); apenas 38 (58,46%) pacientes relataram que fizeram consulta com médico da atenção primária após internação. **Conclusão:** A orientação farmacêutica na alta e o contato pós-alta são estratégias adotadas na transição do cuidado que podem contribuir para melhoria da educação em saúde, segurança e acessibilidade no uso dos medicamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Idoso; Planejamento da Alta; Atenção Primária.

guidance on the use of medicines was carried out with 133 (93.66%) patients, the guidance for access in 130 (91.55%) and the alert on adverse events and record the reactions occurred in 71 (71.13%). Most respondents needed help to administer medicines 50 (79.37%). The main caregivers were the daughters in 22 (34.92%) patients and wives 12 (19.05%), only 38 (58.46%) of the patients reported that they did consult with primary care physician after admission. **Conclusion:** The pharmaceutical guidance in high and postdischarge contact are strategies adopted in the transition of care that can contribute to improved health education, safety and accessibility in the use of medicines.

KEYWORDS: Aged; Patient Discharge; Primary Health Care.

INTRODUÇÃO

A transição do cuidado é compreendida como o conjunto de ações destinadas a garantir a continuidade do cuidado de saúde do indivíduo entre os diferentes níveis de atenção.¹ Ela é complexa, principalmente na transição do hospital para casa, em que os pacientes estão sujeitos a eventos adversos, principalmente aqueles relacionados aos medicamentos.^{2,3,7}

A alta hospitalar é um período de transição de responsabilidades e de cuidados em nível de rede e, também, em relação ao indivíduo que retoma o autocuidado ou familiar que, por vezes, pode ser responsabilizado como um cuidador. Fato que contribui para as dificuldades no momento da alta hospitalar é a alteração dos medicamentos, que podem ter a dose e posologias alteradas, serem suspensos ou substituídos.^{3,8}

Agências reguladoras nos Estados Unidos têm investido em atividades como a reconciliação medicamentosa, transição do cuidado no processo da alta hospitalar e contato pós-alta.

A Joint Commission's National Patient Safety Goals definiu como uma meta a precisão e reconciliação completa na transição do cuidado, o que pode ser identificado como um campo para identificação e solução de problemas relacionados ao uso dos medicamentos e redução dos eventos adversos pós-alta.^{2,4}

Algumas experiências em implementações de projetos na transição do cuidado abordam a reconciliação medicamentosa, a orientação do paciente e familiares, o contato por telefone e a resolução de discrepâncias de medicamentos, objetivando reduzir a incidência de eventos adversos a medicamentos evitáveis após a alta e a redução do número de reinternações.^{2,5,6} Outros sugerem que sejam oferecidas informações, como: motivo da admissão, diagnósticos, achados nos exames físicos, resultados de exames importantes, medicamentos prescritos na alta hospitalar, orientações fornecidas para os familiares/paciente e exames pendentes substituídos.^{6,8}

A implantação de um serviço multiprofissional de orientação de pacientes no processo de transição do nível hospitalar para os demais níveis de atenção contribui para a qualidade dos cuidados no momento da transição e reduz o número de reinternações hospitalares.^{3,9}

A partir desse contexto, farmacêuticos vinculados a um programa de residência multiprofissional propuseram a realização do referenciamento farmacoterapêutico de pacientes idosos na rede, com o intuito de contribuir para a segurança da farmacoterapia durante a transição do cuidado e a realização de contato pós-alta por telefone. Este trabalho destinou-se à análise das orientações realizadas nos encaminhamentos farmacoterapêuticos e ao perfil dos contatos pós-alta realizados no mesmo período.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de estudo de coorte retrospectivo, desenvolvido em um hospital público geral de ensino de Belo Horizonte, Minas Gerais, que realiza atividades de ensino, pesquisa e assistência, sendo referência para a rede em urgência e emergência. Integrado ao SUS, 100% dos pacientes são provenientes do mesmo. Esse hospital é composto por um total de 360 leitos divididos nas seguintes unidades: Bloco Cirúrgico, Centro de Tratamento Intensivo, Pronto Socorro, Maternidade e unidades de internações da Clínica Médica e Clínica Cirúrgica. Aproximadamente 12.000 pacientes são atendidos a cada mês. O hospital possui sistema informatizado e prontuário médico eletrônico. A dispensação de medicamentos também ocorre por meio do sistema informatizado com rastreabilidade por código de barras. As equipes multiprofissionais nas quais os farmacêuticos residentes estavam inseridos eram as pertencentes à Unidade de Acidente Vascular Cerebral, Cuidados Paliativos, Centro de Terapia Intensiva, Equipe Volante, Idoso Frágil e Vascular.

A amostra estudada foi a de prontuários dos pacientes acompanhados pelos farmacêuticos residentes nas equipes multiprofissionais da instituição em estudo que receberam alta de 17 de janeiro de 2014 a 3 de dezembro de 2014 e que possuísem o encaminhamento farmacoterapêutico elaborado, e com os quais foi realizado o contato pós-alta. Foram excluídos os pacientes que não preenchessem um dos critérios de inclusão.

No momento da alta hospitalar, a equipe multiprofissional era avisada e eram elaborados para os pacientes, de acordo com a necessidade cognitiva, rotina e hábitos diários de vida, materiais educacionais que facilitassem a adesão do paciente, como: caixa organizadora dos medicamentos, quadros de orientação sobre o uso dos medicamentos, treinamentos sobre uso de medicamentos por sonda, inalatórios e insulina, de acordo com a demanda do serviço. Além disso, o paciente recebia o encaminhamento farmacoterapêutico, que também era enviado para o Centro de Saúde do indivíduo por e-mail, após contato telefônico.

O encaminhamento farmacoterapêutico é uma ferramenta para auxiliar na transição do cuidado, e trata-se de um referenciamento para a equipe da atenção básica em que estão descritos o motivo da internação, os medicamentos prescritos na alta hospitalar relacionados ao problema de saúde, indicação se o medicamento já era de uso domiciliar ou não e, se não, o problema de saúde diagnosticado que levou a sua introdução, e forma de acesso aos medicamentos. Há também campo para informações sobre uso de sonda/trituração, orientação

verbal sobre os medicamentos, envio do encaminhamento para a atenção primária, interações medicamento x medicamento e medicamento x sonda, orientação para acesso, registro sobre ocorrência/alertas de reações adversas, orientação sobre clearance de creatinina, alertas sobre adesão e histórico de RAM.

O contato telefônico foi realizado dentro de um período mínimo de 15 dias após a alta hospitalar, por meio da identificação dos pacientes no prontuário eletrônico. Em caso de insucessos nas ligações telefônicas, padronizou-se a realização mínima de três tentativas de contato em dias diferentes para cada paciente. Para padronização da abordagem telefônica, foi elaborado um roteiro de entrevista por meio de uma planilha informatizada, a qual o farmacêutico residente responsável pela realização do contato poderia utilizar como guia e registrar as informações obtidas. Preferencialmente, o contato era realizado com o paciente, mas, em caso de impossibilidade, a abordagem telefônica era direcionada ao cuidador ou familiar. Durante esse contato, objetivou-se identificar uso inadequado de medicamentos e se os pacientes e ou familiares sabiam informar onde adquiri-los.

Também há descrição das intervenções farmacêuticas realizadas na alta, como: elaboração de caixa organizadora de medicamentos, ficha de orientação dos medicamentos, ficha de acesso aos medicamentos, orientação verbal, orientação de medicamento por sonda, e envio do encaminhamento farmacoterapêutico à Atenção Primária.

No presente estudo identificou-se a incidência de intervenções realizadas na alta hospitalar baseadas nas informações disponíveis nos encaminhamentos, dentre elas: orientações por sonda, alerta sobre interações medicamentosas potenciais, clearance de creatinina, adesão ao tratamento, histórico de reação adversa a medicamento.

Também se consideraram a incidência de realização de contatos telefônicos após a alta hospitalar, relatos de uso inadequado de medicamentos e informações sobre a aquisição de medicamentos.

Os dados foram compilados no *software* Microsoft Excel e realizou-se análise estatística univariada. O presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição onde o estudo foi realizado e recebeu o Parecer nº 06/2013.

RESULTADOS

Foram realizados 142 encaminhamentos farmacoterapêuticos, pertencendo esses a 135 pacientes (4 pacientes foram internados duas vezes no período analisado e um paciente se internou três vezes). Dos encaminhamentos

realizados, 133 foram efetivamente encaminhados para a atenção primária. Foram analisados os contatos pós-alta realizados no período e 65 dos contatos realizados pertenciam aos 133 pacientes que receberam efetivamente o encaminhamento farmacoterapêutico. O número total de contatos pós-alta de pacientes nesse período foi de 102.

Sobre as principais orientações realizadas na alta descritas nos encaminhamentos farmacoterapêuticos, observou-se que a orientação verbal sobre o uso dos medicamentos

foi realizada em 133 (93,66 %) internações (descritas nos encaminhamentos), a orientação para acesso em 130 (91,55%) e o alerta sobre reações adversas e registro das ocorrências ocorreu em 71 (71,13%). A orientação menos frequente foi com relação à sonda enteral – 7 (4,93%). A seguir, encontra-se a tabela com as principais orientações realizadas na alta hospitalar e descritas nos encaminhamentos farmacoterapêuticos.

Tabela 1 - Descrição das principais orientações realizadas nos encaminhamentos farmacoterapêuticos.

	Sim (%)	Não (%)	Não se aplica (%)
Realizada orientação sobre sonda enteral?	7 (4,93)	21(14,79)	114 (80,28)
Realizada orientação verbal sobre o uso de medicamentos?	133 (93,66)	7 (4,93)	2 (1,41)
Realizado registro de orientação sobre interação medicamento x sonda?	12 (8,45)	101 (71,13)	29 (20,42)
Realizado registro de orientação sobre interações medicamentosas?	92 (64,79)	26 (18,31)	24 (16,90)
Realizado registro de orientação sobre acesso aos medicamentos?	130 (91,55)	12 (8,45)	0 (0,00)
Realizado registro sobre ocorrência/ alertas de reações adversas?	101 (71,13)	3 (2,11)	38 (26,76)
Realizado registro de orientação sobre clearance de creatinina?	18 (12,68)	53 (37,32)	71 (50,00)
Realizado registro de orientação de alertas sobre adesão?	97 (68,31)	30 (21,13)	15 (10,56)
Realizado registro de orientação sobre histórico de RAM?	46 (32,39)	52 (36,62)	44 (30,99)

O item “Não se aplica” significa que estes pacientes não precisavam desta orientação.

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre os 65 contatos realizados, dois foram com o mesmo paciente, resultando em 63 indivíduos. A pessoa com quem foi realizado o contato: o cuidador – 5 (7,68%), familiar 42 – (64,62 %), paciente 14 – (21,54%), demais parentes 2 – (3,08%) e sem registro 2 – (3,08%).

Em relação às pessoas contatadas por telefone, houve relato de que apenas 5 – (7,94%) pacientes não possuíam cuidador; em 22 – (34,92%), as filhas eram as cuidadoras; esposas 12 – (19,05%), irmãs 4 – (4,76%), filhos 3 – (4,76%), amigas 2 – (3,17%), cuidador formal 2 – (3,17%), nora 2 – (3,17%), irmão 2 – (3,17%), cunhada 1 – (1,59%), filha e esposa 1 – (1,59%), genro 1 – (1,59%), marido 1 – (1,59%), neta 1 – (1,59%),

neto 1 – (1,59%) e 2 não possuíam registro (3,17%). A média do número de pessoas residentes na casa do indivíduo foi de 2,09.

Apenas um paciente não possuía registro se necessitava de ajuda para administrar os medicamentos. A maioria dos entrevistados precisava de ajuda para administrar os medicamentos, 50 (79,37%), e apenas 12 (19,05%) não precisavam de auxílio. Todos os entrevistados relataram que os indivíduos faziam uso regular dos medicamentos. Sobre os questionamentos realizados durante o contato pós-alta, na tabela a seguir estão descritas as principais perguntas e as respectivas respostas dos entrevistados.

Tabela 2 - Descrição das principais informações identificadas durante o contato pós-alta.

	Sim (%)	Não (%)	Não se aplica (%)
O paciente fez consulta com médico da atenção primária após internação?	38 (58,46)	27 (41,54)	0 (0)
O paciente fazia uso de sonda enteral?	2 (3,08)	63 (96,92)	0 (0)
O paciente/cuidador soube relatar a importância de utilizar os medicamentos corretamente?	63 (96,92)	2 (3,08)	0 (0)
O paciente/cuidador sabia onde adquirir os medicamentos?	54 (83,08)	10 (15,38)	1 (1,54)
O paciente/cuidador sabia para que serviam os medicamentos?	57 (87,69)	7 (10,77)	1 (1,54)
O paciente/cuidador relatou dificuldade de acesso aos medicamentos?	17 (26,15)	47 (72,31)	1 (1,54)
O paciente/cuidador relatou uso de medicamentos diferentes dos prescritos na alta hospitalar?	10 (15,38)	43 (66,15)	12* (18,46)
O paciente/cuidador relatou automedicação?	12 (18,46)	52 (80,00)	1 (1,54)
O paciente relatou que sentiu algo diferente no corpo?	28 (43,08)	36 (55,38)	1 (1,54)
O paciente/cuidador fez uso inadequado dos medicamentos?	4 (6,15)	58 (89,23)	3 (4,62) **

* Não houve registro de uso de medicamentos diferentes dos prescritos.

** Não houve registro de uso inadequado dos medicamentos em 3 pacientes.

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre os pacientes que relataram automedicação, um dos pacientes analisados não possuía registro, 52 (80,0%) negaram e ela foi confirmada por 12 (18,46%), sendo que os medicamentos utilizados eram, na maioria das vezes,

paracetamol ou dipirona (50 % dos casos). Dos contatos realizados em que houve relato de sensação algo diferente no corpo, o total foi de 28 relatos; desses, 13 (46,23%) eram sobre algum tipo de dor.

DISCUSSÃO

Há relatos de que a maioria dos estudos que investiga intervenções na transição do cuidado concentra-se na taxa de rehospitalização e contenção de custos, o que pode sugerir que outros indicadores de qualidade do cuidado precisem ser contemplados.¹⁰ Neste estudo, foram investigados os tipos de orientações realizadas no momento da alta e a compreensão dessas no contato pós-alta.

O serviço de orientação farmacêutica ao indivíduo com alta hospitalar objetiva informar e fazer com que o usuário compreenda o novo plano farmacoterapêutico proposto, a importância do seguimento do tratamento e do acesso. Em contrapartida, o referenciamento visa

minimizar as discrepâncias e erros de medicação que podem ocorrer no momento da alta hospitalar.^{3,5,6,11}

Estudo demonstra que os sumários de alta hospitalar que apresentavam um relatório dos medicamentos prescritos com a justificativa para alterações dos fármacos utilizados no período prévio à internação com os da alta reduziram a taxa de erros de medicação durante a transição do cuidado do hospital para a atenção primária.^{3,12} O serviço de farmácia clínica do hospital em que foi desenvolvido o estudo elabora o referenciamento farmacoterapêutico e ele foi realizado para 93,66% dos indivíduos que foram acompanhados pelo serviço.

A maioria dos cuidadores dos indivíduos deste estudo era de mulheres: 22 filhas (34,92%), 12 esposas

(19,05%), 4 irmãs (4,76%). Em estudo realizado no Rio Grande do Sul com os cuidadores, observou-se que esses eram, na maioria, as esposas 11 – (30,6%) e filhas 16 – (44,4%), que vivem junto do idoso e que têm proximidade afetiva, conjugal ou entre pais e filhos. Os cuidadores são frequentemente mulheres de meia-idade e idosas, que desempenham essa atividade obedecendo a normas culturais em que cabem a elas a organização da vida familiar, o cuidado dos filhos e o cuidado aos idosos.¹³

Estudo realizado na cidade de Marília, em São Paulo,¹⁴ avaliou as características do atendimento aos idosos após alta hospitalar na Estratégia de Saúde da Família. Apenas 19 % dos pacientes que receberam alta foram contrarreferenciados, quase 30 % relataram ter dúvidas ou dificuldades na continuidade dos cuidados após a alta hospitalar. Neste estudo, não foram abordadas as dificuldades, de maneira geral, entretanto, os principais problemas apontados na alta hospitalar foram: não saber onde adquirir os medicamentos (15,38%), uso de medicamentos diferentes dos prescritos na alta (66,15%) e sensação de algo diferente após a alta hospitalar (55,38%).

Após contato telefônico, 38 (58,46%) pacientes relataram que realizaram consulta médica na atenção primária após alta hospitalar, dado inferior ao encontrado em estudo realizado em Marília,¹⁴ no interior de São Paulo (49, 73,1%). Nesse mesmo estudo realizado, apenas 19 (28,4%) pacientes foram encaminhados para a unidade básica de saúde de referência após a alta hospitalar; no presente estudo, 133 (93,66%) dos 135 indivíduos tiveram encaminhamento farmacoterapêutico enviado para a atenção primária.

A transição do cuidado da atenção hospitalar para a primária requer um encaminhamento adequado, buscando aproximar as esferas de cuidado; o encaminhamento elaborado e fornecido para o paciente e enviado para o centro de saúde é uma estratégia empregada que pode garantir uma transição mais efetiva. Estudo que investigou as principais dúvidas na alta hospitalar demonstrou que a maioria dos indivíduos recebeu alta sem o sumário e o encaminhamento para a atenção primária.¹⁴ Uma das ferramentas utilizadas no hospital em que foi realizado o estudo é a entrega do encaminhamento não apenas para o paciente/cuidador no momento da alta, mas também o envio por e-mail ou correspondência para o Centro de Saúde de referência do paciente.

A busca por estratégias facilitadoras de processos de referência e contrarreferência em saúde é a base para a concretização da integralidade no SUS, entretanto, ainda são poucas as experiências efetivas e divulgadas. Apesar de as experiências para viabilizar esse modelo ainda serem muito isoladas e frágeis, não permitindo generalizações,

mesmo em nível de políticas públicas municipais,¹⁸ o encaminhamento farmacoterapêutico e o contato pós-alta realizado no hospital do estudo são estratégias empregadas que objetivam tornar reais os mecanismos de contrarreferência.

Tais mecanismos de contrarreferência buscam realizar a transição do cuidado de maneira efetiva entre a atenção secundária e terciária com a primária, garantindo ao indivíduo desospitalizado o atendimento necessário e o suporte adequado às condições observadas durante a internação hospitalar. Além disso, visam informar a Equipe de Saúde da Família, habilitada em aspectos preventivos, curativos e de reabilitação, para que o atendimento seja realizado de forma plena e o usuário consiga melhorar sua condição de saúde.^{6,14,16,17}

Uma das etapas para se garantir a integralidade no SUS é a existência de um sistema efetivo de encaminhamento e contrarreferência. Entretanto, só o sistema não garante a continuidade do cuidado, é necessária a responsabilização dos profissionais e do sistema pelo usuário.^{6,15,16} Cada nível de atenção deve ser compreendido como etapa essencial e o cuidado integral e o seguimento do paciente sem segmentação só são obtidos caso o sistema opere segundo seu fluxo, sendo a atenção primária o nível de acompanhamento e maior contato com o usuário,⁶ já que a atenção primária à saúde é a responsável pela coordenação dos cuidados na rede de serviços e efetivadora da integralidade nas diversas dimensões.

Dentre as limitações do estudo, podemos citar a inexistência de um grupo controle para avaliação do impacto real da intervenção proposta no momento da alta e no contato telefônico; além disso, não houve avaliação das discrepâncias medicamentosas encontradas e não avaliação das taxas de reinternação hospitalar dos pacientes que receberam intervenções no momento da alta e após contato telefônico. Também não foram avaliadas medidas de associação entre os resultados encontrados, bem como os dados sociodemográficos dos indivíduos, o que poderia fornecer informações sobre o perfil de pacientes atendidos e as possíveis associações.

CONCLUSÃO

Os pacientes atendidos pelo serviço de farmácia clínica que receberam orientação e encaminhamento farmacoterapêutico apresentaram, no contato pós-alta: a minoria não soube informar a importância de utilizar os medicamentos corretamente, onde adquiri-los e para que serviam. Apesar da inexistência de um grupo de comparação, o presente estudo pode ressaltar que a orientação farmacêutica na alta hospitalar e o contato pós-

alta são estratégias adotadas na transição do cuidado que podem contribuir para melhoria da educação em saúde, segurança e acessibilidade no uso dos medicamentos.

REFERÊNCIAS

1. Coleman EA, Boult C. Improving the quality of transitional care for persons with complex care needs. *Journal of the American Geriatrics Society*. 2003; 51(4):556-567.
2. Walker PC, Jones JNT, Mason NA. An advanced pharmacy practice experience in transitional care. *American Journal of Pharmaceutical Education*. 2010; 74(2):1-6.
3. Teixeira JPDS, Rodrigues MCS, Machado VB. Educação do paciente sobre regime terapêutico medicamentoso no processo de alta hospitalar: uma revisão integrativa. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 2012; 33(2):186-196.
4. Joint Commission on Accreditation of Healthcare Organization (JCAHO). *Comprehensive accreditation manual for hospitals: the official handbook*. Oakbrook Terrace: Joint Commission; 2005.
5. Paquin AM, Salow M, Rudolph JL. Pharmacist calls to older adults with cognitive difficulties after discharge in a tertiary veterans affairs medical center: a quality improvement program. *Journal of the American Geriatrics Society*. 2015 Mar.; 63(3):571-577.
6. Marques LDFG, Romano-Lieber NS. Estratégias para a segurança do paciente no processo de uso de medicamentos após alta hospitalar. *Physis*. 2014; 24(2):401-420.
7. Boockvar K, Fishman E, Kyriacou CK, Monias A, Gavi S, Cortes T. Adverse events due to discontinuations in drug use and dose changes in patients transferred between acute and long-term care facilities. *Archives of Internal Medicine*. 2004; 164(5):545-550.
8. Kripalani S, Jackson AT, Schnipper JL, Coleman EA. Promoting effective transitions of care at hospital discharge: a review of key issues for hospitalists. *Journal of Hospital Medicine*. 2007; 2(5):314-323.
9. Arbaje AI, Maron DD, Yu Q, Wendel VI, Tanner E, Boult C, et al. The geriatric floating interdisciplinary transition team. *Journal of the American Geriatrics Society*. 2010; 58(2):364-370.
10. Allen J, Hutchinson AM, Brown R, Livingston PM. Quality care outcomes following transitional care interventions for older people from hospital to home: a systematic review. *BMC Health Services Research*. 2014; 14(1):346.
11. Tamblyn R, Huang AR, Meguerditchian AN, Winslade NE, Rochefort C, Forster A, et al. Using novel canadian resources to improve medication reconciliation at discharge: study protocol for a randomized controlled trial. *Trials*. 2012; 13(1):150.
12. Bergkvist A, Midlöv P, Höglund P, Larsson L, Bondesson Å, Eriksson T. Improved quality in the hospital discharge summary reduces medication errors – L IMM: Landskrona Integrated Medicines Management. *European Journal of Clinical Pharmacology*. 2009; 65(10):1037-1046.
13. Pimenta GMF, Costa MASM, Gonçalves LHT, Alvarez, AM. Perfil do familiar cuidador de idoso fragilizado em convívio doméstico da grande Região do Porto, Portugal. *Rev Esc Enferm USP*. 2009; 43(3):609-614.
14. Marin MJS, Bazaglia FC, Massarico AR, Silva CBA, Campos RT, Santos SDC. Características sociodemográficas do atendimento ao idoso após alta hospitalar na Estratégia da Saúde de Família. *Rev Esc Enferm USP [Internet]*. 2010; 44(4):962-8.
15. Cecílio LCO, Merhy EE. A integralidade do cuidado como eixo da gestão hospitalar. Campinas; 2003 [Acesso em 2011 nov. 10]. Disponível em: <<http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-07.pdf>>.
16. Giovanella L, Mendonça MD, Almeida PD, Escorel S, Senna MDCM, Fausto MCR, et al. Saúde da família: limites e possibilidades para uma abordagem integral de atenção primária à saúde no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2009; 14(3):783-94.
17. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: DAB/SAS/Ministério da Saúde; 2006.
18. Fratini JRG, Saupe R, Massaroli A. Referência e contrarreferência na integralidade em saúde. *Cienc Cuid Saúde*. 2008; 7(1):065-072.

Submissão: novembro de 2015

Aprovação: maio de 2016
